

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Teremos Sempre Michael Curtiz  
9 de julho de 2025

### SONS OF LIBERTY / 1939

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Crane Wilbur / Narração: Charles Frederick Lindsley / Fotografia: Sol Polito, Ray Rennahan / Montagem: Tommy Prat / Música: Howard Jackson / Interpretação: Claude Rains (Haym Salomon), Gale Sondergaard (Rachel Salomon), Donald Crisp (Alexander McDougall), Montagu Love (George Washington), Henry O'Neill (Membro do Continental Congress), James Stephenson (Coronel Tillman), Harry Cording.

Produção: Warner Bros., First National (Estados Unidos da América, 1936) / Produtor: Gordon Hollingshead / Cópia: em Blu-ray, cor (Technicolor), falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 20 minutos / Estreia Mundial: 20 de Maio de 1939, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

### THE WALKING DEAD / 1936

*O Morto que Voltou à Vida*

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Ewart Adamson, Peter Milne, Robert Andrews, Lillie Hayward, a partir de uma história de Ewart Adamson e Joseph Fields / Fotografia: Hal Mohr / Montagem: Tommy Prat / Música: Bernhard Kaun / Interpretação: Boris Karloff (John Ellman), Ricardo Cortez (Nolan), Edmund Gwenn (Dr. Beaumont), Marguerite Churchill (Nancy), Warren Hull (Jimmy), Barton MacLane (Loder), Henry O'Neill (Werner), Joseph King (juíz Shaw), Addison Richards (Guarda).

Produção: Warner Bros., First National (Estados Unidos da América, 1936) / Produtor: Jack L. Warner / Cópia: em Blu-ray, preto e branco, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 67 minutos / Estreia Mundial: 29 de Fevereiro de 1936, Estados Unidos / Estreia em Portugal: 29 de Março de 1937, Cinema Central / Primeira apresentação na Cinemateca.

*filmes de Michael Curtiz*

*Duração total da sessão: 86 min*

---

NOTA: A ordem dos filmes da sessão foi alterada face ao programa inicialmente anunciado. A curta-metragem **Sons of Liberty** será projectada antes da longa-metragem **The Walking Dead**.

---

Um programa duplo, que junta um breve filme “histórico” e uma das mais conseguidas incursões de Michael Curtiz no domínio do terror e do filme fantástico. Realizado três anos depois de **The Walking Dead**, **Sons of Liberty** é uma pálida imagem (a cores) do que Curtiz poderia fazer. **Sons of Liberty** corresponde à única curta-metragem que

Curtiz realizou em Hollywood. Com as suas duas bobines, ganhou o Óscar em 1940 (havia uma outra categoria para os filmes de uma bobine). Esse foi o ano de **Gone with the Wind**, de Victor Fleming, **Goodbye, Mr. Chips**, de Sam Wood, **Mr. Smith Goes to Washington**, de Frank Capra, **Stagecoach**, de John Ford ou **Wuthering Heights**, de William Wyler, só para citar alguns filmes. Uma conquista para a Warner e para o realizador numa categoria menor, mas Michael Curtiz iria ganhar um novo Óscar poucos anos depois com **Casablanca**.

A narrativa centra-se na figura de Haym Solomon (1740-1785), comerciante imigrado, que apoiou os colonos na luta pela independência e financiou-a. Solomon é Claude Rains, e o narrador é Charles Frederick Lindsley, num filme em que a narração tem importância. A acção tem lugar entre 1765–1776, antes da Guerra revolucionária e foca-se em figuras históricas e acontecimentos vários. Como já foi escrito, é necessário perceber o filme em contexto. Estávamos em 1939 e uma das grandes críticas que eram feitas às grandes produtoras de Hollywood era não terem investido o suficiente no combate ao crescente anti-semitismo nos Estados Unidos. Daí uma possível razão para a recuperação da história de Haym Solomon pelos irmãos Warner, um judeu com uma importância determinante na fundação dos Estados Unidos. O uso da cor é impressionante, embora não tão surpreendente como em filmes de Curtiz como **Doctor X** (1932) e **Mystery of the Wax** (1933), que em tudo são mais próximos do segundo filme da sessão.

Como poderemos perceber por estes dois títulos, os anos trinta correspondem a período áureo do cinema fantástico e de terror americano. **The Walking Dead** atesta-o, numa das mais conseguidas incursões no género protagonizada por Boris Karloff. Como se escreveu no nosso programa “O argumento teve como ponto de partida a notícia de que dois médicos faziam experiências em que electrocutavam cadáveres para ressuscitá-los. É exatamente o que faz um médico em **The Walking Dead**, com êxito. O ressuscitado decide vingar-se dos responsáveis pela sua morte.” O ressuscitado é Boris Karloff, pianista virtuoso, erradamente condenado à morte. Curtiz trabalha de modo exímio a mise-en-scène, assim como o contraste entre as luzes e sombras (o filme é a preto e branco), para nos garantir uma atmosfera gótica e expressionista, que assenta em grande parte na excelente performance e presença do actor e nos próprios décors.

“Eu só quero viver”, diz John Ellman/Karloff pouco antes da condenação. Frase fortíssima, que nos desloca literalmente para outro continente e outra época, quando Neeta, protagonista do magnífico **Meghe Dhaka Tara/A Estrela Escondida** (1960), de Ritwik Ghatak, diz o mesmo às portas da morte. Mas neste caso, o desejo de Ellman será atendido, ressuscitando do mundo dos mortos para condenar os vivos, que aí o conduziram. Há momentos magníficos no filme de Curtiz, como os há no de Ghatak, como aquele em que Ellman aguarda a sua morte, ouvindo a sua peça musical favorita, numa tentativa de transcendência face ao mundo dos vivos. Morrerá, mas acorda de novo, graças às “Conquistas da Ciência Médica”. Não se trata de um feito sobrenatural, mas de um feito científico. Vivo e sem memória de quem era, resta-lhe a música, e os dotes como excelente pianista, cujas acções são comandadas por forças superiores que não domina. **The Walking Dead** culmina com o melhor que se fez neste universo que se aproxima da série-B, mortes inexplicáveis enquadradas por muito suspense e por uma atmosfera densa difícil de igualar.

Joana Ascensão